

## WAGNER E A DÉCADENCE FISIOLÓGICA E ARTÍSTICA

AUGUSTO MARTINS DE ÁVILA<sup>1</sup>;  
CLADEMIR LUÍS ARALDI<sup>2</sup>;

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [augustosvp009@gmail.com](mailto:augustosvp009@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [clademir.araldi@gmail.com](mailto:clademir.araldi@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

O trabalho busca inserir-se no exercício crítico de Friedrich Nietzsche a Richard Wagner enquanto modelo da modernidade, ao analisar de forma fisiológica o impacto que a cultura moderna influencia na criação artística e como esteticamente ela incute, no campo fisiológico, valorações morais.

Em carta para Jacob Burckhardt, de setembro de 1888, Nietzsche diz que envia “um pequeno trabalho estético que, embora pretenda ser um descanso em meio à seriedade de minhas tarefas, tem lá sua própria seriedade”, referindo-se ao panfleto chamado Caso Wagner (CW), fazendo uma crítica à obra wagneriana enquanto uma doença da *décadence* moderna. Porém, nos parece que esse descanso é mais sério do que introduzido na carta, onde ele expressa um experimento crítico direto à figura central apontada por Nietzsche como o filho de seu tempo, o mais alto naquilo que é ele mesmo degenerado. Esse descanso na verdade, é intimamente ligado à saída possível para a grande tarefa da transvaloração de todos os valores, a fisiologia da arte.

Nietzsche em sua obra publicada parece citar a primeira vez na “Terceira Dissertação” da *Genealogia da Moral* (GM) §8 “uma até agora intocada, inexplorada fisiologia da estética”, onde haveria uma análise de como a sensualidade se relaciona com a estética e como a negação dela direcionaria para um determinado tipo criativo. Diz CHAVES (2007), “ao invés de considerar, como Schopenhauer, que a “sensualidade” deva ser “suprimida” em nome de um “ideal” mais elevado [...], Nietzsche considera que ela deve ser, ao contrário, “transfigurada” em nome de um determinado “tipo” de vida.” Uma análise que propiciaria, ao entender seu fundo fisiológico, de que forma poderíamos ter uma arte que valoriza a vida e em algum sentido estimula o poder.

Parece para nós que ao aplicar essa análise fisiológica a Wagner, Nietzsche propõe um experimento, de como é possível apontar o que constitui uma arte que declina a vida, e de alguma forma indicar uma arte ascendente que valoriza o poder. No prólogo de seu panfleto polêmico, em que alegra-se por livrar-se de Wagner, coloca em termos de superar a si: “Que exige o filósofo de si, em primeiro e em último lugar? Superar em si seu tempo, tornar-se “atemporal”.(CW, Prólogo)

Este “superar a si”, do declínio, não somente cultural mas fisiológico da modernidade, um diagnóstico que Nietzsche diz: “o que me ocupou mais profundamente foi o problema da *décadence*” (ibid). Um empobrecimento da vida na qual Wagner é uma doença, não necessariamente a causa, mas sua maior expressão, o artista *decadent par excellence*. E Nietzsche só pode superá-la uma vez “que sou experimentado em questões de *décadence*? Conheço-a de trás para a frente.” (EH, Porque sou tão sábio 1), porém é “no fundo sadio” (ibid) colocando-se capaz de achar uma cura para essa doença infecciosa.

## 2. METODOLOGIA

Nietzsche diz não ser ingrato à doença de Wagner, pois é nela que a “modernidade fala sua linguagem mais íntima: não esconde seu bem e seu mal, desaprendeu todo o pudor” (CW, Prólogo), assim tendo-se já passado pela doença wagneriana pode se encontrar uma superação dela internamente, mas somente se a constituição profunda fisiológica é sadia. Dessa forma, precisamos caracterizar o que Nietzsche entende como fisiologia e de que forma ele chega ao conceito de *décadence*, como ferramenta de análise de época e enquanto instrumento de análise fisiológica para estabelecer essa correlação da modernidade com o campo fisiológico na criação de Wagner e na recepção de sua arte.

Em verdade a fisiologia sempre esteve presente nas análises nietzschianas. Porém o termo não possui o mesmo peso que parece haver nos escritos de 1888, onde se insere o Caso Wagner, com um apego maior a uma noção científica, não como uma metáfora de cunho especulativo, mesmo que numa análise estética. Os diferentes sentidos da fisiologia diferem entre os comentadores, mas para acompanhar uma análise da fisiologia da arte no Caso Wagner e sua relação com o conceito de *décadence*, optaremos em acompanhar a leitura de Nietzsche das obras de Paul Bourget, *Essais de Psychologie Contemporaine* e *Nouveaux Essais de Psychologie Contemporaine* e as leituras de Charles Férey, *Dégénérescence et Criminalité*, e como tais leituras influenciaram os Fragmentos Póstumos, de 1888, retirados da edição crítica digital de Paolo D'iorio, *Digitale Kritische Gesamtausgabe Werke und Briefe*, que se baseia na edição crítica de Giorgio Colli e Mazzino Montinari.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se frisarmos o uso do conceito de *décadence*, em primeiro momento, o contato de Nietzsche se deu pelas leituras de Paul Bourget dos *Essais de psychologie contemporaine* que, dada sua influência de Stendhal, traz a fisiologia ligada à uma leitura psicológica da cultura e da arte. Uma análise literária psicológica de Baudelaire onde há um desordenamento, uma desagregação, “processo pelo qual se tornam independentes partes subordinadas no interior de um organismo” (MULLER-LAUTER, 1999). Aquilo que deveria estar subordinado ao todo torna-se vivo, independente do todo. Diz Bourget: “Um estilo de *décadence* é aquele em que a unidade do livro se decompõe para dar lugar à independência da página, em que a página se decompõe para dar lugar à independência da frase e a frase, para dar lugar à independência da palavra.” (BOURGET, 1986 apud MULLER- LAUTER).

Essas conclusões de Nietzsche acerca de Bourget são por compreender que assim como ele, ambos criticavam seu tempo quando analisam os artistas de sucesso. De um lado Baudelaire, expressão maior do *Décadentisme*, criticado por Bourget, de outro Wagner, por Nietzsche. Assim Bourget parece “pensar a decadência da literatura atrelada à decadência da sociedade.” (PETRY, 2015). Como citado, a parte é mais importante que o todo, o indivíduo sozinho se torna mais importante que o todo social. A diferença entre os autores é que para Bourget *décadence* social indica a *décadence* do indivíduo, e para Nietzsche a *décadence* do indivíduo indicaria a *décadence* social. Podemos notar isso, segundo Montinari (2014), na inversão presente no §7 Caso Wagner: “A palavra

se torna soberana e pula fora da frase, a frase transborda e obscurece o sentido da página, a página ganha vida em detrimento do todo [...]” (CW, 7).

Mas tais análises estéticas não são suficientemente fisiológicas quanto parece ser o caso na fisiologia da arte de 1888. O passo científico necessário ao conceito de *décadence* de fundamentação fisiológica aparece em Charles Férey. Segundo CHAVES (2007), “Nietzsche leu pelo menos dois livros: *Dégénérescence et criminalité* (que ainda se encontra no espólio da sua biblioteca particular, em Weimar) e *Sensation e mouvement* (GRZELCZYK, 2005 apud CHAVES, 2007).” Essa nova fonte de cunho científico fisiológico parece dar conta de ligar uma *décadence* do todo da cultura e o modo de vida moderna com uma geração degenerada que cada vez mais vai em direção de um esgotamento da sua vontade de vida. Encontramos a linguagem de Férey ao falar das práticas e obras de Wagner no fragmento da primavera de 1888, onde Nietzsche escreve: “[...] o efeito nocivo da arte wagneriana comprova a sua profunda fraqueza orgânica, sua corrupção.[...] desloca seus ouvintes (respiração irregular, perturbação da circulação sanguínea, irritabilidade extrema com coma súbito)” (FP 16 [75] 1888).

Esse descompasso é fruto da mentira que é Wagner, pois ele não é músico: “músico agora se faz ator, sua arte se transforma cada vez mais num talento para mentir.” (CW, 7) Com a modernidade e sua decadência, uma cultura em declínio, “apenas o ator ainda desperta o grande entusiasmo – com isso chega, para o ator, a idade de ouro – para ele e para todos afins à sua espécie”(CW, 11). Wagner quer assim “nada se não o efeito” (CW, 8) um gênio do povo, quer causar em seu espectador uma excitabilidade, que acarreta uma irritabilidade com um fim, no esgotamento. Essa é sua “retórica teatral” (CW, 8) sua tirania dos palcos, assim ele é, como “sem exagero, o grão-mestre da hipnose” (15[6] 4 1888), mas só é capaz de hipnotizar aqueles que são fracos “Os exaustos são atraídos pela coisa nociva: o vegetariano, pelos vegetais” (CW, 5). Porém os sadios no fundamento poderiam resistir à doença, a *suggestion mentale* (conceito de Férey utilizado por Nietzsche), porém: “Seu poder de sedução só cresce desmesuradamente, [...] – ele não se limitou a convencer somente os pobres de espírito!” (CW, 5). Aqui já temos a percepção de que não é apenas uma geração esgotada que é receptível a uma arte de declínio, mas sim, toda uma época. Em verdade Wagner adoece a partir do corpo. “A primeira coisa que sua arte nos oferece é uma lente de aumento: olhando por ela, não se acredita nos próprios olhos – tudo fica grande, até Wagner fica grande...”(CW, 3).

O que se segue é que dada as críticas e problematizações colocadas pelo próprio Nietzsche ao seu tempo, Wagner em verdade, tanto torna doente como aprofunda a doença da modernidade nos indivíduos. O que perguntamos é quem são esses sadios, ou de que forma, podem ser capazes de experimentar a *décadence* moderna, para internamente a ela, superar a doença e ascender em uma arte que valoriza a vida?

Nietzsche chega apresentar Goethe no Crepúsculo dos Ídolos (CI) como caso feliz, arte não fragmentada, não *decadent* “O que queria era a totalidade; combateu a separação de razão, sensualidade, sentimento, vontade” (CI, Incursões de um extemporâneo 49), porém, no final do mesmo aforismo, Nietzsche propõe que esses atributos referentes a Goethe “eu batizei com o nome de Dionísio” (ibid). O que torna-se contraditório quando MULLER-LAUTER (1999) muito bem nos lembra que Nietzsche acusa Goethe de não observar o “elemento do qual nasce a arte dionisíaca - o orgiástico. Realmente não duvido que Goethe, por princípio, tenha excluído algo semelhante das possibilidades da alma grega.”



(CI, O que devo aos antigos? 4) Não compreendendo o dionisíaco, como pode ser o caso feliz se tais qualidades são de Dionísio? O que nos põe a continuar investigando quanto às propostas de uma arte ascendente nas obras e escritos nietzschianos, bem como investigar os limites da fisiologia da arte no interior da tarefa da transvaloração de todos os valores.

#### 4. CONCLUSÕES

Wagner é repetidamente acusado por Nietzsche no *Caso Wagner* de ser o mestre da ilusão, ser o maior entre todos os mentirosos e por isso protagonista de sua época, como se o ilusionar fosse o caminho para o esgotamento da vontade de vida. Porém, a fisiologia da arte é uma tentativa de transvaloração de todos valores para valorização da vida. Como pode a arte inferir no campo fisiológico se não em certo nível de ilusão, de embelezamento? Qual é a arte que atua de forma ascendente enquanto sentimento de poder? O que constatamos até aqui é que no *Caso Wagner*, inserido no projeto da fisiologia da arte, Nietzsche busca demonstrar quais os efeitos da arte wagneriana no campo fisiológico que em verdade são reflexos da modernidade como um todo. E que conduzem cada vez mais a *décadence*.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOURGET, P. *Essais de psychologie contemporaine*. Paris: Gallimard, 1993.
- CHAVES, E. Considerações Sobre o Ator: Uma Introdução ao Projeto Nietzschiano da Fisiologia da Arte Trans/Form/Ação, São Paulo, 30(1): 51-63, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Ler Nietzsche com Mazzino Montinari*. Cadernos Nietzsche 3, p. 65-76, 1997.
- \_\_\_\_\_. *L' amour, la passion. Nietzsche e Stendhal*. In: Azeredo, Vânia D. de (org.). Falando de Nietzsche. Ijuí: Editora da Unijuí, 2005.
- FÉRÉ, Charles. *Dégénérescence et criminalité. Essai physiologique*. Paris: Félix Alcan, 1888.
- NIETZSCHE, F. W. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Ecce Homo: Como alguém se torna o que é*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *O Caso Wagner/Nietzsche Contra Wagner*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Digital critical edition of the complete works and letters*, based on the critical text by G. Colli and M. Montinari, Berlin/New York, de Gruyter 1967-, ed. Por Paolo D'Iorio. Nietzsche Source: <http://www.nietzschesource.org/#eKGWB>
- MONTINARI, Mazzino. *Nietzsche em Cosmópolis*. Trad. Ernani Chaves. 2014
- MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Décadence artística enquanto décadence fisiológica. A propósito da crítica tardia de Nietzsche a Richard Wagner*. Cadernos Nietzsche, 6. São Paulo: Humanitas, 1999.
- PETRY, I.R. *Arte e Décadence em Nietzsche: O caso Wagner e outros escritos*. 2015. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.